

Encontro anual Fronteiras Urbanas 6, 7 e 8 de Setembro
Lisboa – Costa de Caparica – Lisboa

O Encontro Anual Fronteiras Urbanas foi um **espaço** de reflexão e partilha que constituiu um **momento** culminante do projeto, através da materialização das suas linhas estruturantes. A presença de Lídio Galinho e de Durval Carvalho na Universidade enquanto transmissores de conhecimento estabelece um paradigma equivalente à presença de Ubiratan D’Ambrósio e José Pedro Barata na Praia e no Bairro das Terras da Costa. Foi igualmente emocionante assistir à apresentação de Euclides Fernandes, que através do seu papel enquanto mediador comunitário provou quão poderosa pode ser a **Osmose das Comunidades com a Academia**¹

Foi possível constatar que o projeto se tem estruturado e desenvolvido, apesar de não terem sido cumpridas com exatidão todas as tarefas agendadas até então. Identificou-se um ponto de situação relativamente às diferentes frentes de trabalho a desenvolver ao passo que se abriram novas perspetivas de desenvolvimento do trabalho junto da comunidade piscatória, na qual residem as maiores dificuldades relativamente à abordagem de campo, visto tratar-se de uma comunidade que contrariamente aos moradores do Bairro (onde existem motivações assumidas por um conjunto de atores – Água / Alfabetização), se encontra relativamente dispersa e da qual não se conhecem as principais motivações. No entanto com base no testemunho e nas conversas informais com o sr. Lídio Galinho, identificaram-se alguns aspetos que poderão constituir bases para o trabalho junto da comunidade piscatória nomeadamente:

¹ Devo aqui referir, que tenho vindo a desenvolver o entendimento do projeto comunitário Fronteiras Urbanas, no sentido em que um conjunto de indivíduos circulam entre diferentes espaços – Bairro / Praia / Universidade. Nesse sentido importa diferenciar os atores providos de mobilidade, dos espaços delimitados e fixos entendidos como espaços comunitários. Nesta medida, importa compreender em que medida cada um dos participantes do projeto constitui uma individualidade própria que assume o seu papel como elemento de uma comunidade não exclusivamente em função do seu papel social, mas também em função do local em que se encontra. Assim quando o Durval está na Universidade é membro da “Comunidade Académica”, quando o José Pedro Barata está no Bairro, pertence à “Comunidade do Bairro” ou quando a Mónica está na Praia pertence à “Comunidade Piscatória”.

É possível que esta formulação resulte da minha dificuldade, pessoal, em encaixar-me na “Comunidade Académica”, a única comunidade em que me consigo enquadrar, como à alguns anos constatámos (Eu e a Filipa Ramalhe) é a “**Comunidade dos Nossos Amigos que Também são Amigos dos Nossos Amigos**”

Posto isto, sugiro que um dos resultados do trabalho que se vem a desenvolver, seja o de promover a circulação dos indivíduos pelos diversos locais, no sentido de facilitar a integração nos diferentes espaços físicos mas também na tomada de consciência das fronteiras que é necessário atravessar para que a **osmose** aconteça.

Inspirado pela abordagem biológica do professor Barata proponho a introdução do conceito de Osmose como abordagem possível para o projeto.

A **osmose** é o nome dado ao movimento da água entre meios com concentrações diferentes desolutos, separados por uma membrana semipermeável. É um processo físico-químico importante na sobrevivência das células. É a passagem da água do lugar que tem menos (hipotónico) para o lugar que tem mais (hipertónico). A osmose pode ser vista como um tipo especial de difusão em seres vivos.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Osmose>

- Alfabetização da classe piscatória relativamente à conversão da unidade monetária Escudo / Euro.
- Cartografar o movimento das redes da arte xávega através do registo de coordenadas durante um período de tempo definido. Em diferentes locais da praia e diferentes companhas.
- Elaboração de um Glossário dos termos associados às artes de pesca, começando pela arte xávega.

O encontro anual resultou enquanto espaço/tempo de diálogo geracional, científico, cultural, e étnico. A participação dos consultores José Pedro Barata e Ubiratan D'Ambrósio, introduziu um elemento de diferenciação geracional face aos restantes participantes, por outro lado para além de “fornecerem” o quadro teórico, participaram de forma atenta e ativa nos dois primeiros dias do encontro, o que possibilitou que durante o último dia as abordagens realizadas permitissem enquadrar de forma bastante precisa, os principais objetos e objetivos da investigação em curso, quer do ponto de vista da espacialidade/urbana, quer dos métodos de análise teórica e desenvolvimento do trabalho de campo. Assim considero que foram clarificados, e conseqüentemente tornados mais acessíveis, conceitos e modelos de análise estruturantes do quadro teórico do projeto, como o *curriculum trivium*, ou de *etnomatemática*, os quais pela minha parte, ainda não tinham sido suficientemente apreendidos. Relativamente ao modelo “Biológico” organicista dos espaços urbanos, que já havia sido aflorado em encontros anteriores, ganhou uma nova expressão no sentido em que a partir do trabalho de investigação/acção já desenvolvido, se tornou bastante mais clara e evidente a sua aplicação e coerência face à análise dos espaço geográfico nos qual se desenvolve a investigação (Costa de Caparica).

ATENÇÃO

Esta parte do relatório é para consumo exclusivo dos membros do movimento Fronteiras Urbanas não devendo ser integrada em nenhum documento de cariz acadêmês. Importa salientar que se trata de um texto de ficção e que qualquer coincidência de fatos ou nomes com a realidade é mera coincidência.

A multiplicidade étnica presente no encontro e na equipe do projeto reflete não apenas as três comunidades categorizadas no projeto: Do Bairro, Piscatória e Académica, mas principalmente a individualidade de cada um, pois apesar da grande empatia que nos liga de forma bastante evidente a todos nós, na realidade somos todos de tribos diferentes passo a explicar humoristicamente e sem querer ferir suscetibilidades :

Eu sou o único almadense, a Mónica é brazuca, a Filipa é alfacinha, Ana Paula é da tribo dos “*Poetas Vivos*”, a Isabel é da *Académica* (mas que tem andado com más companhas), o Alexandre é do mundo mas também do Montijo, o Nuno é um “sinhor”, a Sílvia é Sobredense (o que não é propriamente ser de Almada), a Lia, é mais é Bióloga e joga na tribo dos “*Muito Jovens Cheios de Pica*”, o Euclides é da tribo dos *Pretos*, apesar de ser de Cabo Verde, o João é da dos *Artistas*, o Carlos e o José pertencem à tribo dos “*Jovens Arquitetos que Foram Alunos da Filipa e não se Curaram*”, a Joana Vieira é da tribo dos “*Anjos que Caíram do Céu por Não Terem Unhas*”, o Renan e a Kelly são exemplo que até nos projetos académicos existe trabalho infantil, neste caso explorados pela implacável matriarca Mónicabrazuca.

Em resumo somos todos diferentes e nada iguais, aquilo que nos une a todos, não é a tribo, nem a cor, nem o clube, nem os gostos, mas sim e acima de tudo o AMOR!